

AS HISTÓRIAS QUE a AVÓ Esqueceu

(e Como Eu as Descobri)

Nadine Aisha Jassat
Ilustrado por Sandhya Prabhat

BOOK
SMILE

Para a minha viajante no tempo



UM CADERNO CHEIO DE PERGUNTAS

EU SOU

Hoje, na aula de Inglês,
a professora pediu-nos para escrevermos
sobre quem somos.

Conseguia ver a minha amiga Jess
a rabiscar ao meu lado,
a caneta dela a correr pela página.

Olhei para o texto que estava no quadro,
as palavras «Eu Sou» destacadas como um desafio,
como se pedissem algo mais
do que eu consigo compreender.

Eu sou a Nyla Elachi.
ou NNN-AIII-LA, para as pessoas que conheço pela primeira vez,
ou NYLA BALAILA, para um certo rufia
que eu prometi que não me iria fazer chorar.
Sou Docinho para a minha avó e Fofinha para a minha mãe.
Esses dois nomes soam a: *meus*.

Eu sou uma rapariga que ajuda a tomar conta da avó,
e do seu cérebro com memória mágica.
O meu pai morreu quando eu tinha 4 anos.
Não sei como é que ele me teria chamado.
Docinho? Filha? Nyla?

Eu sou as palavras «Vai ficar tudo bem»,
que sussurro a mim mesma,
sempre que sinto medo.

Uso a mesma camisola da escola todos os dias.
É demasiado grande para mim, mas a Mãe diz que
ainda tenho mangas para crescer
(apesar de elas já terem começado a desfiar-se).

Eu sou a pessoa a quem, fazem grandes perguntas,
como *És de Onde?*, logo assim, de rajada,
antes de sequer me conhecerem,
as suas palavras a tentarem fechar-me numa caixa,
ou numa gaiola.

Eu sou a voz tranquila que sussurra,
(mesmo que me apeteça dizer: *Não tens nada a ver com isso*)
depois de as pessoas já terem tentado adivinhar mil países
nos quais pensam que a minha cara se enquadra:
Sou mestiça. A minha mãe é branca,
e, embora as pessoas costumem pensar
que não somos parecidas,
acho que é porque não olham com atenção:
não veem o que eu vejo.
O meu pai e a minha avó são do Zimbabwe,
e a mistura deles é de pele Morena e Negra,
a mistura deles está cheia de histórias,
histórias que eu gostava de ter,
desde que perdi o meu pai.
Histórias que são parte de mim.

Eu sou uma miúda que faz promessas a todas as outras pessoas,
mas, se fosse para fazer uma a mim mesma,
seria esta:

ter as palavras, um dia,
para dizer exatamente o que quero dizer.
Para saber como completar a frase:
«Eu Sou».



PARTE 1





A VIDA É COMO OS AUTOCARROS

A MINHA MANHÃ

A minha manhã começou com o barulho crocante da torrada entre os dentes:

a Mãe + a Avó + Eu.

Movia-se ao nosso ritmo:

a Mãe pegou no casaco da Avó,
e eu lembrei a Avó de como se calçam os sapatos,
enquanto ela se debruçou e disse baixinho:

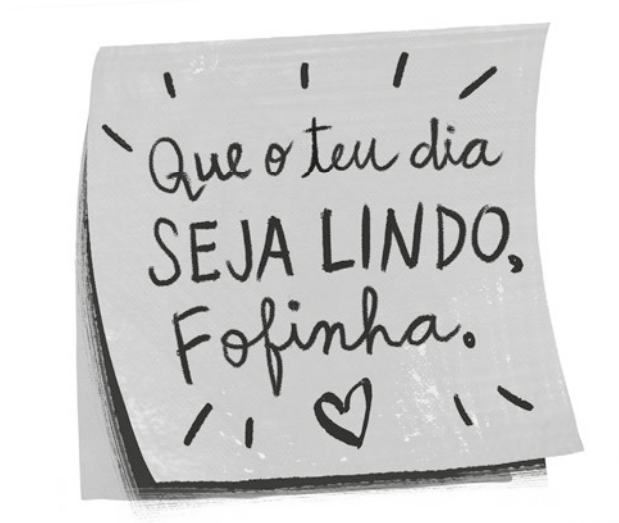
– Está na hora de dançar, Docinho!

– Olá, querida! – gritou a Avó, a acenar,
enquanto entrava no autocarro do centro de dia,
a uma senhora que passava.

– Que bonita que está hoje!



Seguiu-se o barulho de um fecho de correr,
enquanto a mãe enfiava um bilhete na minha mochila:



E o bocejo disfarçado dela,
depois de trabalhar dois turnos seguidos,
num escritório durante o dia,
e a fazer limpezas à noite.
Ela é só uma pessoa a tentar ganhar o suficiente
para que o dinheiro dê para nós as três.

Depois, vou para a escola o mais depressa que posso —
até que vejo uma figura a aproximar-se de mim,
enchendo-me lentamente de medo:

— Estás a olhar para onde, Elachi?

UMA BREVE HISTÓRIA DO HARRY

O Harry anda um ano acima do meu,
e, por razões
que não consigo entender,
ele parece sempre querer
implicar
comigo
e fazer-me
sentir
ansiosa.
Já o vi fazer isso a outras pessoas,
mas não tanto como faz comigo.

A minha amiga Jess disse
que, num acampamento, no primeiro ciclo,
ele roubou a roupa a alguém,
e mandou-a à piscina.

A Jess disse que essa pessoa agora anda noutra escola.

Não quero que isso me aconteça,
sou discreta,
na esperança de que ele me deixe em paz, algures no tempo...

mas
ele nunca deixa.

PALAVRAS NA LAMA

Quando os olhos azuis do Harry me olham de cima a baixo,
a resposta cai-me da boca,
e perde-se na lama, aos meus pés.

— Não me vais responder?
Estás. A. Olhar. Para.
ONDE?!

O Harry avança,
as mãos brancas bem abertas,
depois ri-se
como se conseguisse ver
o meu estômago
a revirar-se
e a contorcer-se,
à medida que me vou sentindo pequena
e mais pequena
e menor
e menos eu,
até que vejo um sorriso à minha frente
da cara mais simpática de todas,
que passa pelo Harry,
com pompons multicores a balançar no seu cabelo castanho-claro,
a passar o braço pelo meu:

— Tudo bem, Elachi?

— Olá, Jess.

TUDO SOBRE A JESS

Conheço a Jess desde o primeiro ano, quando *toda a gente* era nova na escola, mas eu era nova *aqui*.

A professora pediu que nos apresentássemos à pessoa sentada ao nosso lado.

Eu não sabia o que dizer, por isso, tentei:

– Acabei de me mudar do outro lado da cidade.

– A sério? – exclamou a Jess, com entusiasmo, as sardas a dançarem-lhe nas bochechas.

– Conta-me. *Tudo*.

Tudo parecia imenso, mas dei o meu melhor: contei-lhe sobre mim, e a Mãe e a Avó.

Depois, ela perguntou mais, e mais:

– Preferias ter um chihuahua ou um husky?

– És Gémeos? Caranguejo? Balança? EU SABIA!

– Podemos almoçar juntas, se quiseres.

Isso foi há mais de 365 almoços.

Somos amigas desde então.

MARSHMALLOWS INCOMPLETOS

Não demorei muito a contar à Jess sobre o Pai.

Deitadas no chão do quarto dela,
a fazer os trabalhos de Matemática,
estávamos a estudar frações,
e o pai dela tinha acabado de nos trazer chocolate quente,
com marshmallows a flutuar como nuvens, por cima.

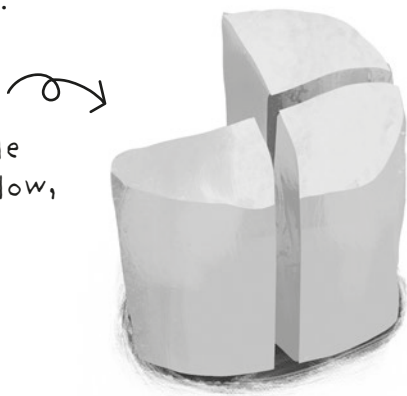
Quando lhe contei sobre o meu pai,
ela ouviu.

– Quem me dera ter mais memórias dele – disse eu,
sem acrescentar como desejava
que ele me trouxesse chocolate quente
com a cobertura personalizada dele,
ou me perguntasse pela escola.

A Jess olhou para a folha quadriculada
e para os rabiscos no caderno dela.

– Talvez... ele não tenha mesmo desaparecido,
não de todas as coisas que restam dele –
sussurrou ela,
antes de se virar para mim com o maior sorriso de todos:
– Como tu! E tu és superfixe.

Se faltar $\frac{1}{4}$ de
um marshmallow,
quanto é
que sobra?



E depois bebemos os nossos chocolates quentes,
rindo, enquanto o chantilly nos fazia cócegas no nariz.

Se eu sou o que sobra do Pai,
então a Avó também é –
ela é mãe dele
(e a minha melhor amiga).

O que resta dele são as rugas
em torno dos olhos e das bochechas da Mãe,
as que nasceram de todas as vezes em que ele a fez rir
(e as de quando ele morreu).

E todas as minhas perguntas,
que gostava de lhe poder fazer.
Todas as histórias perdidas –
o som do silêncio da Mãe,
quando eu quero saber mais.

O que resta dele são
as memórias da Avó:
luzinhas que piscam no escuro.
Memórias que são
como estrelas cadentes

a
desaparecerem
lentamente.

ALZHEIMER (SUBSTANTIVO)

Quando a Mãe me disse
como se chamava o esquecimento da Avó —
Alzheimer —
pensei em como soava como se tivesse um
«Hi»¹ no meio
mesmo que pareça o contrário, como
se a pessoa estivesse a despedir-se lentamente.

A Mãe diz para pensarmos nisto como uma viagem no tempo:
como se a mente da Avó viajasse para outro tempo ou lugar.
Vejo a Avó viajar no tempo
quando me chama

Enfermeira?

Ou *Menina?*

Ou *Querida?*

Tento lembrá-la:

— Olha, Avó, sou eu,

o teu Docinho! —

Um nome que eu adoro.

Um nome que gosto tanto de chamar meu.

Mas quando ela me olha é como se ela

não

estivesse

cá.

Quando ela me olha

é como se vivesse noutra lado,

e sou eu quem está longe,

à procura daquelas duas letras: «Hi».

Uma palavra que eu entendo

numa palavra maior que eu não entendo mesmo:

Alzheimer.

¹ «Hi», inglês para «olá», para manter a som da palavra «Alzheimer» [N. E.]

TEMPO DE AULA

Quando o Professor Davis me chama pelo nome,
penso em como é a terceira vez hoje
que ouço «Elachi»,
mas como, de cada vez, o sinto de forma diferente.

Na boca do Harry soa rude,
como se ele roubasse algo que me é precioso,
e o tivesse distorcido, manchado.

Na boca da Jess, parece que faz parte daquele turbilhão que ela é,
de todas as suas diferentes palavras enérgicas.
Sei que se procurasse no dicionário da Jess,
Elachi estaria listado como *amiga*.

E na do Professor Davis, parece muito 2D,
como se lhe faltasse a sua história,
a sua narrativa.

HISTÓRIAS QUE SÃO SEMENTES DE ELACHI

Há pouco tempo, num dia bom,
a Avó abriu uma vagem de cardamomo,
e chegou-ma ao nariz.

— Elachi — disse ela, apontando para o revestimento
da pequena vagem.

— Elachi também significa cardamomo.

Debruçámo-nos juntas sobre ela,
e inalámos, o aroma intenso
a preencher os nossos narizes.

— Lembra-te — declarou a Avó,
e abraçou-me. —

Elachi. É o meu nome.

Aquele que passei ao teu pai,
e a ti. Aquele que nunca vou mudar.

É isso que o meu nome significa para mim.

Significa Avó, e família.

Significa histórias, aconchegadas dentro da Avó

como sementes de elachi,

como o ouro dentro de uma vagem de cardamomo.

— NYLA, ESTÁS A OUVIR-ME?

O franzir de sobrolho do professor Davis é um semicírculo quando olho para cima, desde a minha secretária.

Toda a gente

já começou a sair da sala,

mas o professor Davis está de pé, à minha frente:

— Quase chegaste atrasada novamente, hoje de manhã.

Lembras-te do que falámos

com a tua mãe, no último período?

Atrás dele, a Jess mexeruca as sobrancelhas,

fazendo-as saltitar para cima e para baixo,

enquanto sai pela porta.

— Lembro-me, professor Davis — respondo,

e recordo: as minhas notas deram uma pequena queda, de *muito boas* para apenas *razoáveis*.

— Este período é uma oportunidade para um novo começo.

És boa aluna, e a tua amiga Jessica também.

Quero que te empenhes a sério

e que voltes a subir as notas. —

O professor Davis gesticula com as mãos

de uma forma que me faz imaginar as minhas notas como meias a serem puxadas até aos joelhos.

Os nervos contorcem-se dentro de mim

e eu aceno vigorosamente com a cabeça.

— Sim, professor Davis.

— Ótimo. Estou ansioso por ver excelentes trabalhos no final do período.

O projeto de História do professor Harkin está quase a começar —
relembra ele, enquanto gira sobre os calcanhares
e volta para a sua secretária —,
talvez possas começar por aí. —
Ele olha-me com um ar profundo:
— Lembra-te, Nyla, menos chegar tarde,
mais grandiosidade!

Pergunto-me de que caneca motivacional
terá ele tirado aquele slogan.

A VIDA É COMO OS AUTOCARROS

Lembro-me de ler, vezes sem conta,
um slogan foleiro na caneca do professor Davis,
na reunião de pais do último período,
enquanto ele falava com a Mãe e a Avó.

Depois de o professor Davis ter contado à Mãe
sobre as minhas notas,
não consegui evitar que ela se quisesse sentar comigo,
exausta, depois do trabalho,
para me perguntar sobre os trabalhos de casa.

– Só estou a tentar ajudar – dizia ela,
até eu insistir que não era preciso,
com a Avó a rematar:

– Ela tem a Esperteza dos Docinhos!

– Tens a certeza de que não precisas da minha ajuda, Fofinha? –
perguntava a mãe.

– Eu também sei o quanto fazes pela Avó e, se for demasiado...

– Não! As minhas notas vão ser ótimas no próximo período, vais ver.

Lembro-me de quando o professor Davis disse
que eu tinha chegado atrasada à chamada, uma vez –
e que a escola estava a tentar atingir
«uma política de máxima assiduidade» –

e a voz da Mãe mudou,
o seu sotaque de Yorkshire a ficar mais forte,
como acontece sempre que ela me defende:

– A Nyla *nunca* chegou atrasada a uma aula – salientou.

Lembro-me de como a Avó se inclinou para a frente e disse,
com um sorriso clássico de Avó:

— A vida é como os autocarros, meus queridos:
anda ao seu próprio ritmo!

O que eu sei, acima de tudo,
é como o tempo com a Avó é melhor
do que qualquer outra coisa —
como ela faz com que tudo
pareça bem,
à sua maneira mágica, maravilhosa,
de Avó.

Ela *até* fez o professor Davis rir.



A DÁDIVA DE VOAR

O MEU TEMPO

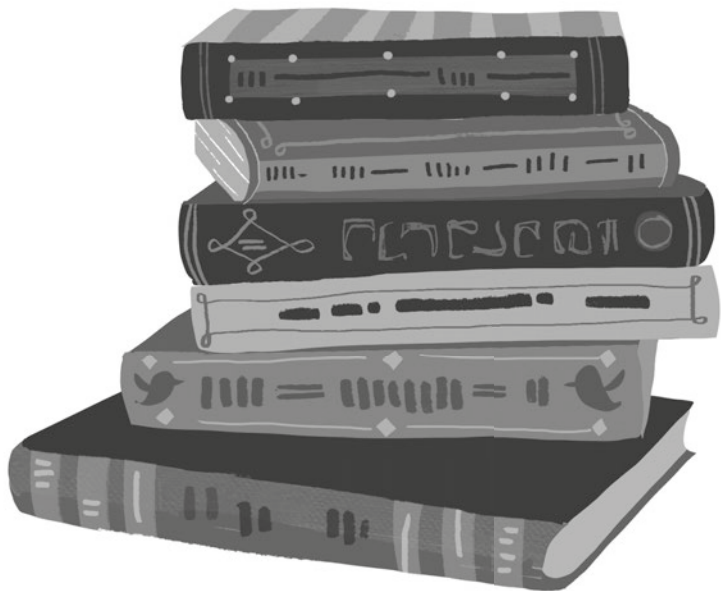
Todos os dias,
no caminho da escola para casa –
entre o toque da campainha às 15h15
e a chegada do autocarro do centro de dia
que deixa a Avó às 16h30 –
visito um sítio especial,
onde se podem encontrar palavras de pessoas
de há centenas de anos,
e outras frescas, acabadas de sair da tipografia,
todas guardadas no edifício de tijolo
escondido entre uma fileira de árvores
e uma banca de jornais do outro lado da rua:
a biblioteca.

Antes de o Pai morrer,
arrendámos uma casa na cidade
onde ele e a Mãe cresceram.
Desde então, mudámo-nos muitas vezes:
as casas ficavam cada vez mais pequenas,
e os senhorios cada vez mais mesquinhos,
e a Avó cada vez mais imprecisa.

Mas já estamos deste lado da cidade há que tempos.
A biblioteca foi o primeiro sítio que descobri,
e tenho cá vindo desde então.

Quando entro pelas pesadas portas de madeira,
o silêncio abraça-me
à medida que passo a curva da receção,
em direção às estantes de livros, tão familiares
que parecem minhas.

É como entrar num santuário.
Um espaço onde nada me é exigido.
Nada de Harry. Nada de professor Davis.
Nada de planear com antecedência.
Nada de preocupações com a Avó. Ou perguntas sobre o Pai.
Aqui, posso simplesmente afundar a cabeça num livro,
e ler.



MAS HOJE

Está um rapaz sentado no meu lugar habitual,
debruçado sobre um livro,
rabo afundado no meu pufe verde-lima favorito,
a esconder a cara, enquanto vira a página.

Fico parada,
e ele olha para cima,
depois à volta,
como que a ver se é para ele que estou a olhar.

Olha para mim,
com uns grandes óculos redondos azuis,
ligeiramente grandes demais para a cara dele,
e diz:

– Hum, olá?

O QUE QUERO DIZER

- Quero dizer – Esse livro que tens na mão é o segundo da série, por isso não comeces por aí.
- Quero dizer – Quase nunca vejo outros miúdos da minha idade por aqui.
- Quero dizer – Se quiseres alguma recomendação, tenho imensas, já li e reli a maior parte dos livros!
- Quero dizer – Olá.

O QUE EU DIGO

— Hum, sim, olá, desculpa — murmuro —,
não estou habituada a ver mais ninguém aqui. —
Afasto-me para ir ver a estante das Novidades.

O rapaz inclina-se para a frente,
a balançar-se ligeiramente no pufe,
a ajustar a posição.

— É a primeira vez que cá venho — diz ele. —
Costumo nadar depois da escola, mas magoei-me no pulso. —
Levanta uma mão castanha, embrulhada num gesso cor de pêssego.
— A minha mãe disse que eu precisava de encontrar alguma coisa
para me ocupar, enquanto o pulso sara.

Olho para ele de trás das páginas de um livro de capa dura.
— Como é que te magoaste?

— Estava em casa do meu tio. —
Endireita os óculos, enquanto explica:
— Bem, do meu tio-avô, tecnicamente,
mas tu sabes como é.

Pergunto-me, por um instante, se sei...
mas é tão importante que ele pense que sim,
que guardo essa dúvida para mim, e não digo nada.

— Seja como for, ele disse para não mexer numa caixa,
mas eu quis ajudar,
e, depois, quando estava a subir as escadas,
escorreguei ao tentar equilibrá-la
e...

Levanta as mãos como um mágico:

– Aqui estou eu!

O riso dele é baixinho,
mas leve.

– O que é que o teu av... o teu tio disse? – pergunto.

Desta vez, o riso dele é mais alto.

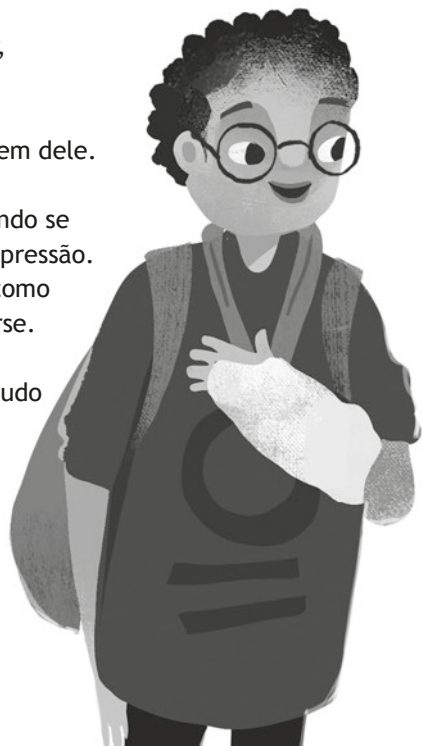
– Ele é muito tranquilo. Disse... –
e a voz do rapaz muda,
enche-se de um sotaque jamaicano,
profundo e caloroso:

*«Raymond, podes não ter sido abençoado com o dom
do equilíbrio, mas, por um momento,
quando estavas a cair das escadas abaixo,
pensei que tinhas o dom de voar!»*

Imagino o rapaz, o Raymond, no ar,
e não consigo evitar o riso,
mas depois tapo a boca
e estremeço ao imaginar a aterragem dele.

– Não te preocupes – diz ele, quando se
apercebe da minha mudança de expressão.
Agita o livro com a mão aleijada, como
que para ilustrar. – É só uma entorse.
Mas sabes como são os pais:
a minha mãe proibiu-me de fazer tudo
o que não envolva estar sentado.

Não sei bem como são os pais
(no plural),
mas assinto na mesma.



Ele partilhou algo dele,
e agora é a minha vez,
é assim que funciona quando fazemos amizades.
Mas algo no meu peito parece pesar demasiado
para pensar nos meus pais,
e nas pessoas que têm tios-avôs
que se riem dos seus erros,
para que eu consiga ficar.

— Prazer em conhecer-te,
Raymond — digo.

A boca dele forma um pequeno «o»:

— Podes tratar-me só por Ray!

Ele parece triste por eu me ir embora.

Então, antes de ir,
digo ao Ray o meu nome.

— Já agora, sou a Nyla.

O Ray sorri,
e, de repente, os óculos dele
parecem ser do tamanho perfeito
para a cara.

— Também foi um prazer conhecer-te,
Nyla — responde.



BIP

Tento registar os meus livros na máquina da biblioteca, mas ela diz:

«Erro: Fora de Serviço.»

Tento novamente, passando o livro de outra forma, as minhas bochechas aquecem e espero que o Ray não veja.

Bip. Bip.

Erro, novamente.

Atrás de mim, ouço uma tosse ligeira, viro-me e vejo a bibliotecária a acenar, desde o balcão.

– Desculpa, as máquinas não estão a funcionar – explica ela. – Posso registá-los aqui, se quiseres.

Ela não é a bibliotecária do *costume*.

A Sra. Bow tem cabelo vermelho e um ar rabugento, de que eu até gosto, porque ela deixa-me estar na minha.

Mas, quando me aproximo, percebo que esta nova bibliotecária me é muito familiar; só não consigo perceber de onde a conheço.

– Prazer em ver-te novamente – cumprimenta ela.

Fico espedada.

Já nos conhecemos?

– O quê? – pergunto, enquanto tento manter-me calma, na esperança de que os olhos que sinto fixados nas minhas costas não sejam os do Ray.

– Esta manhã, desculpa, não te lembras de mim.

Passei pela tua casa a caminho do trabalho... a tua avó acenou-me?

A minha cara torna-se uma combinação de
não faço ideia
e
quem?

— Ela disse que eu estava bonita, acho eu.
Uma maneira muito simpática de começar a minha manhã! —
É como se o rosto da bibliotecária se reorganizasse,
um puzzle de sorriso hesitante e cabelo comprido e escuro,
e, na minha memória, a imagem é subitamente clara:
a mulher que a Avó abordou,
quando ia para o autocarro esta manhã.

— Era a senhora!

A bibliotecária ri-se.

— Era eu! Vivo mesmo ao fundo da rua. Às vezes, vejo a tua avó
à janela quando venho a caminho do trabalho.
Ela acena-me sempre.

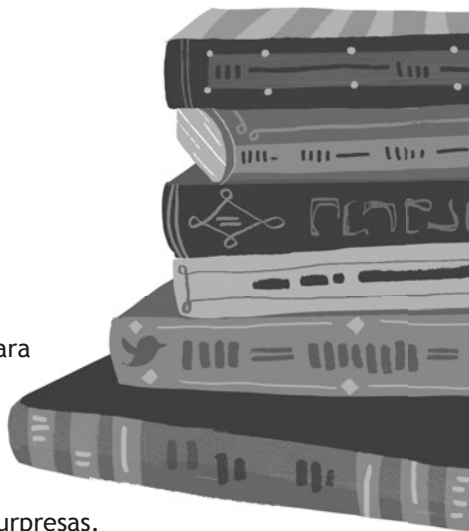
Hum. Esta é nova.

— Ela lembra-se de si?

A bibliotecária sorri.

— Claro que sim, ela é a minha
acenedora-de-janela! —
Ela desliza o livro sobre a mesa, para
mim, acabadinho de ser registado.
— Diz olá à tua avó por
mim — pede ela.

A biblioteca, hoje, está cheia de surpresas.



A minha avó tem Alzheimer e está a perder a memória, mas eu vou ajudá-la a lembrar-se de um grande segredo...

A Nyla tem 12 anos e o pai morreu quando ela tinha 4. Pelo menos, foi o que sempre lhe disseram. Mas um dia, a avó Farida diz ter visto o filho no supermercado!

Será que o pai da Nyla está vivo?

Ou será que a avó está apenas a «viajar no tempo»?

Enquanto a Nyla se transforma em detetive e embarca numa viagem pelo passado da sua família para tentar descobrir a verdade, espera também que o desvendar de histórias importantes a ajude a entender quem é e qual é o seu lugar no mundo.

Um livro com uma escrita intensa e simplesmente brilhante, sobre memória e identidade, laços familiares e pertença.


Uma história imperdível, de arrebatador o coração, perfeita para fãs de Onjali Q. Raúf.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

 penguinkidspt

10+

ISBN 9789897877193



9 789897 877193 >